

A cidade além da cidade: a ruralidade do Roteiro Caminhos de Pedra

Nândri Cândida Strassburger¹

Resumo: No presente estudo é feita uma reflexão sobre a *ruralidade* do roteiro Caminhos de Pedra, na cidade de Bento Gonçalves município localizado na Serra Gaúcha do Rio Grande do Sul/Brasil. Ao encontro dessa *ruralidade*, surge o turismo rural que neste contexto auxilia na promoção da tradição cultural de parte dos imigrantes italianos vindos para a Região no século XIX. Na maioria das cidades, o ambiente urbano não é mais um lugar seguro protegido por muros. Com sustentação em um referencial teórico são apresentadas contextualizações do ambiente rural e do ambiente urbano indicando que a atração exercida pelo campo se deve em parte a desilusão com os elementos do moderno, onde o indivíduo parte em busca do tranqüilo, do bucólico.

Palavras-Chave: Turismo; Turismo Rural; Caminhos de Pedra.

Introdução

A globalização tem exigido maior competitividade internacional. Do turismo: “emergiram novos destinos turísticos como praias tropicais, espaços naturais e áreas rurais, e com eles surge o revivalismo das tradições da rusticidade e os produtos não industrializados” (Sirgado, 2001, p. 69).

Segundo Argan (1998), o ambiente urbano mostra que a sociedade de consumo é opressiva e repressiva, e que passa por uma transformação para ambiente tecnológico o qual o modelo da existência humana estaria condicionado e normalizado pela tecnologia. A cidade herdou vários contextos que a desqualificam, dos primórdios da era industrial no século XIX, quando as fábricas invadiram o espaço urbano, cobrindo-o de fuligem, mau cheiro e outros dejetos. Esta situação levou as pessoas a buscar qualidade ambiental em espaços fora de seu território, pelo menos nos seus momentos de lazer. Esta “fuga” caracterizou o movimento romântico, cujos seguidores procuravam no espaço rural, momentos de vivência e contemplação da natureza.

¹ Universidade de Caxias do Sul. E-mail: nandricandida@hotmail.com

A cidade tecnológica da contemporaneidade não pode mais ser considerada, a priori, como um espaço sem qualidade para seus moradores. Hoje, muitos destes são espaços privilegiados para o lazer e, inclusive, destinos turísticos qualificados e muito frequentados. Entretanto, mesmo os habitantes destas cidades, buscam os espaços fora delas em seus momentos livres, talvez, neste caso, pela busca do diferente, tão presente nas viagens.

O movimento para fora das cidades é, em muito, marcado por um neo-romantismo pós-moderno levando a que os espaços rurais sejam transformados em destinos turísticos de excelência. No rural, buscar-se-ia o ambiente aconchegante e calmo, idilicamente visto como livre das tensões e conflitos, que é associado a *ruralidade*. Também haveria nesse movimento cidade-campo, a reconquista da natureza quase extinta no espaço urbano, pela crescente urbanização e superpopulação.

Os espaços rurais nestes termos vêm ganhando espaço no turismo, atraindo com os visitantes, pessoas inquietas com a crescente urbanização do mundo. Seria nesse contexto que o turismo rural caminha ao encontro desta busca por ambientes aconchegantes e tranquilos num contraponto ao clima urbano e solitário das grandes cidades.

Segundo Sirgado (2001), a revalorização turística da *ruralidade* seria resultado desse divórcio forçado entre as pessoas e a natureza, entre o construído e o natural, entre a agitação e a tranquilidade, entre o urbano e o rural, entre as massas e o indivíduo. Já para Pozenato (1990), a relação entre o mundo rural e o mundo urbano seria uma questão tão antiga quanto à existência das cidades. Não seria difícil encontrar na literatura clássica textos que enalteçam as belezas, os valores e as vivências do mundo rural.

A academia tem patrocinado muitos estudos sobre os meios de hospedagem no meio rural, porém ainda seriam poucos os trabalhos sobre roteiros de turismo rural dissociados dos meios de hospedagem, roteiros onde o fio condutor seja a cultura e o meio de viver da localidade.

O presente estudo é em particular sustentado pela revisão de literatura e tem como objetivo refletir sobre o espaço urbano e o espaço rural para a seguir analisar o roteiro Caminhos de Pedra em Bento Gonçalves/RS. Este roteiro insere-se nos projetos associado ao desenvolvimento do turismo na denominada Serra Gaúcha - um dos mais importantes produtos turísticos brasileiros - que possuem um forte apelo, supondo a utilização dos recursos transmitidos pelas gerações passadas e ainda mantidos vivos pelos atuais moradores, possibilitando sua apropriação com os produtos de oferta turística.

Cidade além da cidade

Para Harvey (1980) a cidade pode ser entendida como um espaço físico e as inter-relações sócio-econômicas ali efetuadas, o urbano poderá implicar um modo de vida e uma cultura. “O urbano nasceu na cidade, mas espalhou-se para além dos seus limites, de maneira que, para lá da cidade ainda é cidade” (ARGAN, 1992, p.222).

Segundo Argan (1998), os estudos urbanísticos na Europa, na América Latina e no Japão prevêem uma urbanização de todo o globo terrestre, onde haveria um sistema único de comunicação. O autor chama a atenção para o fato de a natureza ser eliminada dessa concepção. Para ele, natureza essa que é definida como uma realidade entendida como aquela que lá faria para além do horizonte do conhecimento e da exploração humana. “A natureza se encontrava além dos muros da cidade, portanto era um espaço não protegido, não organizado, não construído” (ARGAN, 1998, p213). O turismo rural por configurar-se em um espaço não urbano, está além dos muros da *civis* (civilização), e pertence à ordem do *rus* (rústico, rural).

A cidade não é mais um lugar seguro e protegida por muros altos. “As máquinas agem melhor do que as mãos, os computadores raciocinam melhor que sua cabeça. A cidade que no passado era um lugar seguro, torna-se o lugar da insegurança” (ARGAN, 1998, p. 214). Essa percepção urbana é uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e se apóia, de um lado, no uso urbano e do outro da imagem física da cidade.

Segundo Argan (1998), a cidade é feita de coisas, e essas coisas que podemos ver são imagens interpretadas conforme nossa subjetividade. Não deve haver uma separação entre zona urbana e zona rural, bem como também entre zona “histórica” e zona “moderna”, afinal, estes espaços vistos como um todo constroem a cidade. O urbano nasceu na cidade, mas espalhou-se para além dos seus limites, de maneira que, hoje, para lá da cidade ainda é cidade (Argan, 1992, p.222). Viver nessa dimensão livre e mutável das imagens é bem diferente de viver na dimensão estreita, imutável e opressiva. “A cidade não é feita de pedras (hoje diria de plástico) é feita de homens. Não é a dimensão de uma função, é a dimensão da existência” (Ficini *apud* Argan, p 223). Para o autor, o espaço urbano de uma forma ampla, parte de um todo que abrange desde o quarto de dormir até a zona rural. Gastal (2006), ao se referir a fluxos e fixos, ressalta que a cidade se constitui não apenas da soma, mas sim do conflito entre dos fluxos com os fixos. “Se a cidade é a materialização do urbano no espaço, essa materialização não se restringe aos elementos fixos. Em torno e no interior dos fixos há um

mundo em movimento. Eles constituem os fluxos” (GASTAL, 2006, p. 94). Daí a tese de Argan (1992) de que a cidade não se funda, mas se forma.

Nesse contexto emerge o turismo rural com sua tradição cultural, sua rusticidade e seus produtos não industrializados. “Visitar o campo induz a uma nostalgia em relação ao rural, mesmo que este rural esteja cada vez mais sobre a égide do urbano” (GASTAL, 2006, p. 67). Há uma busca pelo diferente, uma fuga da modernidade das cidades.

Turismo Rural

De acordo com Cavaco (2001), o turismo é reconhecido como um vetor de desenvolvimento em várias escalas, da local a nacional. Para o autor, não é de se surpreender que programas de desenvolvimento turístico estendam-se aos espaços rurais, cujo papel é significativo na conservação e gestão da diversidade das paisagens – naturais, históricas e culturais. Dessa forma o turismo rural, assim como outros segmentos, passa a ser procurado como um espaço turístico apoiado na mobilidade individual e na diversificação das motivações dos deslocamentos. Conforme Joaquim (2001), o turismo rural implica algumas qualidades que o tornam “verdadeiramente rural”: qualidade ambiental, sossego e contatos personalizados. Assim “turismo rural é um conceito que recobre todas as atividades realizadas e geridas localmente, baseada nas suas potencialidades humanas e ambientais” (DAVIDSON, 1992, p 141). O turismo rural, como oferta de um novo produto turístico, inicia-se no Brasil em Lages-SC na Fazenda Pedras Brancas, 1986. Essa iniciativa fez parte do projeto piloto da comissão municipal de turismo, que teve como objetivo acolher visitantes para passar “um dia de campo”. Desde então teóricos brasileiros procuram aprofundar o seu entendimento.

O turismo rural num sentido mais abrangente tem sido apresentado como envolvendo uma fruição dos produtos naturais, as atividades esportivas bem como a dimensão intangível da cultura e do modo de vida das comunidades nos espaço rurais.

Zimmerman (1973) caracteriza o turismo rural a partir de uma demanda criada pela necessidade de contrapor ao turismo de massas, aproveitando os recursos naturais, respeitando a cultura local, resgatando hábitos e costumes locais, e respeitando o meio ambiente.

Ao fazer reflexões sobre o turismo rural Rodrigues (2001, p.112) sugere para fins de classificação dois grandes grupos, o primeiro de cunho histórico e o segundo de natureza contemporânea:

1) *turismo rural tradicional*: agrupa diferentes modalidades;

1.1) *de origem agrícola*: propriedades que historicamente se constituíram como unidades de produção agrária durante o ciclo do café;

1.2) *de origem pecuarista*: considera equipamentos de hospedagem que se originaram pela pecuária tradicional.

1.3) *de colonização europeia*: sua origem está relacionada à história da imigração europeia no Brasil, principalmente nas regiões sul e sudeste.

2) *turismo rural contemporâneo*: opõe-se a primeira categoria por englobar equipamentos;

2.1) *hotéis fazenda*: hotéis localizados na zona rural, implantados para exploração desse tipo de turismo específico.

2.2) *pousadas rurais*: de menor porte e menos luxo, oferecem aos visitantes fruição da vida no campo,

2.3) *spas rurais*: podem ser enquadrados também na categoria de turismo de saúde, constituindo uma versão moderna das antigas estações termais;

2.4) *segunda residência campestre*: geralmente localizada em área rural de municípios de grandes centros urbanos;

2.5) *campings e acampamentos rurais*: já representaram um meio de hospedagem importante no País, atualmente passam por uma aparente estagnação;

2.6) *turismo de caça e pesca*: modalidade presente no pantanal matogrossense representado pelos ranchos de pesca;

2.7) *turismo rural místico ou religioso*: modalidade em crescente expansão em vários pontos do País, notadamente no Brasil central e Chapada dos Veaderos em Goiás.

2.8) *turismo rural científico pedagógico*: principalmente voltado para alunos. Algumas escolas agrícolas estão abrindo suas portas para visitantes associando turismo, lazer e ensino;

2.9) *turismo rural etnográfico*: é o caso de reprodução de aldeias indígenas para receber grupos, por exemplo, a aldeia dos Xavantes em Juquitiba-SP.

Dentro da classificação de cunho histórico, está o turismo de colonização européia, cujo roteiro destacado pelo autor é o “Caminho de Pedra”. Fávero (2002) cita outro exemplo de turismo rural nos mesmos moldes do roteiro Caminhos de Pedra, localizado no município de Venda Nova do Imigrante, no estado do Espírito Santo.

O investimento no turismo rural está relacionado com o desenvolvimento local, pois geralmente ocorre uma maior interação entre o município e a comunidade rural, melhorando a qualidade de vida dos moradores.

Roteiro Caminhos de Pedra

O roteiro Caminhos de Pedra surgiu no início da década de 1990, com o objetivo de revigorar parte do interior do município de Bento Gonçalves/RS, preservando cultura da imigração italiana para a região, ao longo da segunda metade do século XIX. Trata-se de um roteiro de 15 km de estrada, acompanhado o vale do povoamento do Distrito de São Pedro, cujas propriedades foram construídas quando da chegada dos italianos a Região.

No roteiro, os proprietários das casas tentam resgatar o que haveria de mais genuíno em termos da cultura veneta original. Nos pontos de visitação do roteiro, os turistas são recepcionados pelos donos das casas ou por um funcionário, que conta ao visitante a história do local e explica sobre os produtos ali produzidos. Conforme demonstra em sua pesquisa sobre a reconstrução da etnicidade do roteiro Caminhos de Pedra, Michelin (2008), em conversas informais, os moradores do roteiro contavam o que pensavam sobre o turismo e sobre a vida deles ligada ao turismo. De acordo com a pesquisadora, um morador conta sobre o receio de trabalhar com o turismo pelo seu pouco estudo:

A gente às vezes fala com os visitantes que são de um pode aquisitivo maior e são pessoas estudadas, só que eles falam que é assim que eles querem ver, é a simplicidade [...] eles querem ver o natural, nada de inventar palavras, nada de inventar coisas a gente passa pro visitante o dia-a-dia da gente (Entrevistado C, 4ª geração, p. 84).

Fávero (2002) destaca em sua pesquisa sobre o turismo no roteiro Caminhos de Pedra, que os objetivos principais do projeto quando da sua criação eram: a) o de preservar o patrimônio arquitetônico das casas; e b) através do forte apelo cultural resgatar os costumes da comunidade. Diferente de outros projetos turísticos, portanto, esse não tinha o intuito de

apenas atrair turistas e divisas econômicas. Atualmente fazem parte do roteiro 10 pontos de visitação, com valiosos exemplares da rústica arquitetura colonial italiana, incluindo a reserva de araucárias, como um atrativo natural. De acordo com Michelin (2007), o roteiro pode ser realizado sem o acompanhamento de um guia de turismo, há a opção de adquirir um guia impresso de visitação, no qual há o mapa guiado. Conforme demonstrou a pesquisa, a maioria dos visitados prefere o visitante particular ao invés do visitante que vem em grupo:

Os particulares a gente percebe que a pessoa tem mais tempo, a pessoa já sai da cidade e já vem, ela para onde ela quer [...] os que vêm de ônibus que acham que é uma cidade, que o roteiro é um conjunto de casas, tem pessoas que vem de salto alto, ai troca pelo tênis porque acha que vai caminhas nas pedras [...] só depois que chegam que vêem o que é o Caminhos de Pedra (Entrevistado C, 4ª geração, p. 87).

Em 1997 para ordenar as atividades desenvolvidas no roteiro Caminhos de Pedra, os moradores fundaram a Associação Caminhos de Pedra. Devido ao aspecto cultural do projeto, a associação obteve aprovação da Lei de Incentivo a Cultura, do governo federal, obtendo recursos provenientes de algumas empresas da região para repassar à Associação, capital que foi empregado na reforma e na reestruturação das propriedades do roteiro.

Conforme Fávero (*in* Brambatti, 2002), segundo pesquisas aplicadas pela autora no roteiro, com os moradores do Distrito, o turismo trouxe tanto impactos positivos, como negativos. Em relação aos primeiros, 86% dos moradores entrevistados dizem que o turismo é benéfico. Em uma análise geral a comunidade destacou como pontos positivos: a) o resgate cultural e histórico; b) o aumento da auto-estima de todos que passaram a mostrar sua cultura e tradição; c) respeito ao meio ambiente; e d) integração entre “interior” e “cidade”. Os impactos negativos foram menores; 14% dos moradores entrevistados destacaram: a) na comunidade cresceu a ambição e a crítica de outros moradores; e b) na propriedade, perda total da privacidade. As pesquisas com os turistas, que visitam o roteiro Caminhos de Pedra apontam que o roteiro recebe turistas das mais diversas regiões do Brasil e do mundo. Destes aproximadamente 80%, viajam em grupos e 20% são turistas particulares. No perfil do turista que visita o município, 18 % dos turistas apontam o roteiro Caminhos de Pedra como o aspecto mais apreciado de Bento Gonçalves. Referente aos meios de hospedagem da região, 20% os utilizam, e 80% não fez uso da hospedagem.

De acordo com Michelin (2008) a grande maioria dos visitantes busca encontrar no roteiro características da cultura da imigração italiana, os visitantes querem conversar para melhor conhecer e haver uma troca entre eles e os visitados:

Os mais jovens lembram que os pais faziam os produtos; os avós se emocionam de ver a casa com chão de terra [...] você vê muita gente emocionada quando você vai atender os turistas. É o que eles querem. Hoje teve um grupo que tava visitando, aí ela disse “que que eu quero com coisas da cidade? De shopping? É isso que eu queria ver! Eu to no paraíso vendo o seu caminho com essas flores, é o paraíso!” (Entrevistado C, 4ª geração, p. 88).

Os turistas buscam algo diferenciado, não querem encontrar no Roteiro Caminhos de Pedra o que eles encontrariam em qualquer cidade, eles buscam o diferente, o simples, o bucólico.

Considerações finais

Certamente o turismo, com toda sua diversidade tipológica, e especialmente o turismo rural, pode trazer inúmeros benefícios a uma comunidade. Destacam-se a capacidade de preservar o meio ambiente e resgatar o patrimônio histórico e cultural.

A cidade pode ser considerada um bem de consumo e um sistema global de informações. Ela deixa de ser um lugar de abrigo e proteção para se tornar um aparato de comunicação. Para restituir ao indivíduo o poder de escolha, ele deve ter liberdade para decidir o que realmente quer consumir, ao invés de simplesmente consumir o que é prescrito como sistema de poder pela sociedade de consumo.

No contexto do Roteiro Caminhos de Pedra, Michelin (2008), observou que alguns turistas se emocionam com as histórias que os moradores locais contam dos antepassados, e relata: “eles choram quando tu conta a história, eles choram porque eles lembram da infância deles, e eles perderam isso hoje” (Entrevistado F, 3ª geração, p. 89). Em relação a rusticidade do roteiro, o entrevistado C (4ª geração, p.92) diz que “no local tudo é caracterizado como era antigamente, senão foge da realidade, porque modernidade não precisa, que todo mundo sabe o que é moderno, essa parte rústica deve ser mantida para se mostrada”. Nesse sentido a autora comenta que manter as características do rural, de não indústria, e sim do pequeno produtor é uma preocupação desse entrevistado, pois a atração exercida pelo campo se deve em parte à desilusão com os elementos do moderno, sobretudo viver nas cidades. O indivíduo

busca a natureza, a tranqüilidade e o bucólico, ou seja, o oposto do urbano. Nesse sentido, Michelin (2008) enfatiza que há uma percepção por parte dos moradores locais de que os turistas realmente esperam encontrar a italianidade neste roteiro, e muitos demonstram de várias formas essa busca e a satisfação ao encontrarem.

Conforme Pozenato (1990), não se observa o ambiente rural através da perspectiva de recuperar um paraíso perdido, mas sim com a perspectiva de compreender o processo. Esse sentimento espontâneo se aproxima do contexto rural onde o mundo urbano mantém uma relação dialética com o mundo rural. Ele só é rural porque existe o urbano.

O espaço rural tem a ganhar com a diversificação da oferta turística, pois geralmente permite um maior envolvimento local com outras atividades econômicas. Para Barros (1990), o espaço rural passou do espaço de onde se vem para onde se vai, de espaço de repulsão para espaço de atração, de espaço predominante agrícola para espaço predominantemente simbólico. A imagem que se enfatiza é de que o contato com o ambiente rural oportuniza tranqüilidade, descanso, além da conservação do patrimônio cultural. Esses ganhos vem de encontro aos problemas do ambiente urbano, como massificação e estresse.

Referências Bibliográficas

- ARGAN, Giulio C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARROS, Afonso. **A sociologia rural perante a problemática do espaço**. Lisboa: Cies, 1990.
- CAVACO, Carminda. **Turismo rural: olhares do além mar**. In Rodrigues, Adyr (org). **Turismo Rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001.
- DAVIDSON, Rob. **Tourism in Europe**. Londres: Pitman Publishing, 1992.
- FÁVERO, Ivane. **O turismo nos caminhos de pedra**. In Brambatti, Luiz (org) **Roteiros de Turismo e Patrimônio Histórico**. Porto Alegre: Est Edições, 2002.
- GASTAL, Susana. **Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas, SP: Papirus, 2006. (coleção turismo)
- MICHELIN, Rita L. **A reconstrução da etnicidade na arena turística: o caso do roteiro de turismo rural cultural Caminhos de Pedra – Bento Gonçalves – Rs**. 2008. Dissertação (Mestrado em Turismo) Universidade de Caxias do Sul.
- POZENATO, José. **Processos culturais na região da colonização do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Educs, 1990.
- RODRIGUES, Adir B. **Turismo rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: contexto, 2001.
- SIRGADO, José R. **Espaço turístico e desenvolvimento no Cone Leste Paulista**. In Rodrigues, Adyr (org). **Turismo Rural: práticas e perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2001.
- ZIMMERMANN, Adonis. **Historia de Caxias do Sul**. Caxias do Sul: ed. Paulinas, 1973.